



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 17.9.2013

Local: CERES/UFRN

Entrevistado: Ausônio Tércio de Araújo

Responsável pela transcrição: Patrícia Wanessa de Moraes (bolsista)

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Então está presente aqui um dos convidados para depor, para fazer um depoimento, o monsenhor Ausônio Tércio de Araújo. Dispensa apresentações. É um prazer tê-lo aqui. Esse depoimento é informal, o senhor está à vontade, vai dizer o que quiser, apesar de os outros terem tempo limitado, o senhor fala até quando quiser. É um prazer, em nome da reitora e do presidente da Comissão da Verdade, doutor Carlos Gomes, e toda a Comissão, nós agradecemos antecipadamente. E temos certeza que o seu depoimento vai ser muito importante para o relatório final da Comissão da Verdade, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Ausônio Tércio de Araújo: Deus queira que a minha memória esteja tão brilhante como a de Salomão. Salomão dizia dias e horas, né? Não garanto dizer não... Bem, senhores, eu chego aqui meio constrangido – já é parte do depoimento – quando esse rapaz ali me convenceu, me obrigou a vir. Bem, por que estou constrangido? Porque Salomão tocou nesse assunto, me chateia bastante, passado a república militar, o golpe, qualquer nome que vocês queiram, a gente tendo a desilusão de ver que muitos dos fogosos adversários da situação se adaptaram com rapidez demais do outro lado e então nos criou inclusive um problema de relacionamento. Eu ia falar com alguém e não sabia se continuava de um lado ou de outro. Obrigava a gente a viver uma vida imprudente. Segundo, apareceram muitos heróis que não tinham muito direito à auréola não. Eram pessoas que eu nunca vi trabalharem a favor da renovação do Brasil mas não sei, o poder da mídia, né... E muitas das pessoas que realmente trabalharam ficaram no anonimato. Essa situação me obrigou a ficar muito calado, muito tempo. O Seridó, eu estava caminhando para uma maior compreensão da situação nacional e nós, a Igreja, muito presente a esse movimento, mas com muitos erros. Primeiro as

peças estavam muito focadas ainda em modelos que não tinham mais vigência. Aquela deposição, João Goulart não tinha voltado, no parlamentarismo. Então as pessoas pensavam que o Rio Grande do Sul, Goulart e Brizola ainda tinham o poder de parar alguma coisa. Então houve uma supervalorização de um lado e não se respeitou que o outro lado já estava chateado e começava a funcionar. Então a revolução, de certo modo, certamente para os interessados, já tinha começado antes e estava bem estruturada. E o resto não, se iludia com a palavra, não tinha a resistência, pensava que o exército do Rio Grande do Sul, que era o mais armado e mais treinado do Brasil, ficou com o governo. Essas coisas... havia muito sonho. Sonho de um lado, de outro, mas o certo é que, quando a revolução, o golpe aconteceu, as coisas estavam bem arrumadas e depois é que se descobriu a ingenuidade do outro lado. Não é não, Salomão? Veja bem, eu vou falar de como as coisas funcionavam no geral. Nós sabemos, havia escuta das pregações dos padres, havia escuta das aulas dos professores, então, quer dizer, antes de haver casos, atividades ferozes de prisões e torturas, a malha de sustentação já estava feita e isso foi muito sério porque as pessoas começaram a perceber e a fugir. Eu me lembro que, quando existia aqui o banco do povo. Eu entrei para fazer um pagamento e na fila tinha vários agricultores, meus conhecidos e amigos, inclusive participantes do sindicato dos trabalhadores em agricultura de Caicó. Quando eu estendi a mão a um deles, ele fez que não me via, aí estendi a mão a outro e ele fez o mesmo, só o último falou comigo. O povo estava atabalhoado e amedrontado. A gente não podia... os estudantes eram catalogados, mesmo que não fossem presos, mas a turma de Salomão e outros como Rui, vários, nós tínhamos um grupo imenso. Imenso não, que imenso é dois mil, mas aquilo estava tudo, foi depois... o que eu achei bonito naquele tempo, vocês talvez não percebessem foi o comportamento da imprensa. Se algum jornal importante ou TV etc. do Sul se manifestou exaltando a situação, a imprensa em geral assumiu um comportamento prudente ou contrário, como não se podia ser contrário frontalmente se estabeleceu um comportamento geral que era o seguinte: não vamos atacar o governo, vamos dar as notícias oficiais mas não vamos comentar. Um comportamento contrário, mas oculto. Oculto não, dissimulado. Nós chegávamos periodicamente a Natal para receber instruções da Polícia Federal, nenhuma vez, eu diretor ou chefe fazia papel. Nem ele tinha papel na mão, nem dava a gente. Por quê? Porque todas as notícias ruins – ruins para o nosso ponto de vista – eles não deixavam rastro para que a gente pudesse provar. Só que numa mudança de chefe, veio um ingênuo que não tinha muita prática. Então a gente notou que ele estava com um papel, colando. E então, como era o nome daquele velho, diretor do *Diário*? Luiz Maria Alves, cabreiramente, disse: “doutor, foi tão interessante o que o senhor disse. O senhor podia nos dar este papel que o senhor está lendo?” e ele ingenuamente deu. Foi a única vez que a gente tinha ordens e a gente leu no papel. Mas era sempre assim. Nós respondíamos na mesma palavra. O que estava oficialmente dito, na *Voz do Brasil* etc., a gente dizia. Eu não me lembro de aqui pelo Seridó ou de um jornal, de uma emissora que

defendesse. Agora é claro que um político, prefeito, autoridade, a favor da república militar, ele falava, aí a emissora tinha que abrir os microfones porque era o prefeito, um juiz etc. Finalmente é liberado, é uma balela para defender o Brasil, é um sonho, nós dos colégios e das redes de comunicação, tudo é do governo. A concessão, o horário, o papel, a liberação para o papel... a liberdade de ensino? Que liberdade de ensino? Eu tenho de dar tantas aulas, em tantos dias, com determinadas disciplinas, mesmo que eu não goste e assim por diante. Agora só falta marcar as notas, então achei interessante, bonito, a lei desse tempo foi essa capacidade de resistência da imprensa. Ele falou que eles usavam o rádio, não é isso? Ele passava do contratado. Era pior para a gente, não para eles. Agora, os momentos primeiros foram muito traumáticos, por exemplo, a emissora era a única emissora rural de Caicó, que eu trabalhava. Era a única emissora do Seridó desse lado, nós só tínhamos duas emissoras, a rural de Caicó e a Brejuí de Currais Novos. Essas emissoras foram, digamos assim, invadidas, sem nenhum aviso. Chega um oficial e diz “o senhor ceda-me a cadeira, que de agora em diante eu sou o diretor”. E o quê que podia fazer? Contra armas não há argumentos. E então a emissora passou um período completamente sem liberdade. A programação era música. E eles implicaram com o programa do bispo. O bispo Dom Tavares era um homem muito inteligente, muito sábio, mas muito desorganizado. Ele fazia o programa sem *script*. Naquele tempo era mania do radialista fazer tudo com *script*. Ele pegava os textos do evangelho e ia explicando, lendo segundo vinha a inspiração. Aí chegou um pedido para o programa para mandar o *script*. Aí ele foi, datilografou a missa e mandou. Era esse o *script* dele. Era uma situação... depois o povo foi se acostumando e também começando a ser contra mas dessa maneira astuta porque, realmente, aqui em Caicó, era impossível fazer qualquer oposição. Nós tínhamos dois batalhões numa cidade pequena. Um da polícia, outro do Exército e conseqüentemente as autoridades, se não eram, tornaram-se favoráveis ao que vinha acontecendo. Agora era, digamos assim, a população ficou muito entusiasmada com a nova situação... claro, uma parte, principalmente os grandes proprietários tinham medo da reforma agrária e ficaram contentes, aliviados. Mesmo que nós tivéssemos sindicatos de patrões, eles não tinham paz, não tinham confiança, era sindicato de trabalhadores e sindicato de patrões e quando veio a “revolução” ele simplesmente... o sindicato de patrões não funcionou mais. Eles tinham o sindicato para fazer frente ao outro, como o outro estava manietado – não é assim a palavra que se diz? – os sindicatos de patrões foram fechados, não tinha mais razão de ser, na concepção deles. O professor era engilhado. Eu passei uma parte da minha vida em Roma. Aí lá a gente se sentia muito, não digo despeito, porque éramos todos cristãos, mas a resistência que tinham os bolivianos e uruguaios e argentinos contra nós. Quando entrava um grupo de estudantes brasileiros, os bolivianos gritavam: “abajo los imperialistas”. O que os outros diziam com os Estados Unidos, eles diziam conosco. E naquele tempo o Brasil era manso. Imagine hoje com a potência que o espalha. Aliás, eu estou até com

medo de a Bolívia se acabar, os bolivianos estão todos vindos para o Brasil. Então, o que é que acontece? Acontece que o Brasil não percebia também as suas violências. Para eles eram países frágeis. Eles se sentiam oprimidos pelo Brasil. Quando eu, numa aula de EPB eu falei sobre imperialismo e contei essa história, olha imperialismo, vocês pensam imediatamente na situação dos Estados Unidos, mas lembre-se que o mundo é mais que os Estados Unidos. O imperialismo também existe em outras grandes potências, senão tão presente e forte como nos Estados Unidos, porque os Estados Unidos é uma máquina de guerra, no mínimo em outros países. Aí eu citei o Brasil em relação à Bolívia, no outro dia de manhã, eu dei a aula de noite, chegou um estafeta com um envelope parecido com esse, deste tamanho: “para o monsenhor Ausônio Tércio de Araújo, cortesia do primeiro batalhão de engenharia”. Fiquei admirado, abri... era um livrinho *A política pacifista do governo brasileiro*. Então eu tomei que era já uma resposta da minha aula da noite. Não tinha motivo para eu receber esse presente assim... Vocês, jovens, não sabem o que é viver em um país que aparentemente você tem toda a liberdade de viver, mas você é controlado. Mas, esses meninos iam muito mais longe porque eles não tinham essa sensação de insegurança que nós tínhamos, eles tinham a juventude. E a juventude, muitas vezes, não vê o perigo. Mas nós tínhamos que nos comportar muito bem. Eu acho que a situação no estado do Rio Grande do Norte era menos ruim do que na Paraíba e em Pernambuco. Em Pernambuco as coisas foram muito violentas, violentas porque aqui nós temos um estado mais sertão, um povo que é mais “curtido” na vida. No Pernambuco a gente via que havia muito sofrimento porque as pessoas estavam querendo liberdade. O canavial era um lugar de escravidão pela própria estrutura, não precisa escrever nem fazer uma constituição não, é pela própria estrutura. No canavial, um trabalha muito e ganha pouco e o outro não trabalha quase nada e ganha muito. Então aqui a situação foi melhor durante esse tempo porque a população tinha mais prática de conviver, vendo discordar. Serviu, iluminou alguma coisa o que eu disse?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Sim, muito.

Ausônio Tércio de Araújo: Então essa era a nossa situação. Quando esse rapaz aí inventou de ir para a Rússia, realmente muita gente ficou pensando: “ele ainda volta?”. Porque a gente achava que dificilmente ele voltaria. Por quê? Porque depois de alguns anos lá ele se “russificava”, ficava por lá. Mas ele voltou. Voltou e ficou e graças a Deus ficou. Outra coisa que a gente nota é o seguinte: heróis houve muitos, uns não são heróis de nada. É como ele disse: “uns são pessoas vivas, a gente não pode expor à repulsa popular”. Por exemplo, aqui na nossa região a gente tinha um símbolo, não sei se você sabe o nome dele. Ele é daqui não, é de Mossoró. O nome dele acho que é tcheco. Morreu há poucos dias. Istvan... Esse Istvan foi chamado aqui em Caicó para dar explicação de

algumas afirmações dele. E como ele era muito coerente e valente, então eu e o padre Américo – que era diretor da emissora rural de Mossoró – nós pedimos para ir com ele para o batalhão porque sabíamos que o Coronel que estava aqui, que tinha chegado aqui, era um militar de uma antiga ordem, ideais muito republicanos. Então a gente vai porque se for outro Istvan fica preso. Claro, a nossa presença lá era um apelo para que as coisas se acomodassem, mas em dado momento era o jeito ele fazer um depoimento, então foi chamado para outra sala e teve de responder aos oficiais, se bem que eu não sei se eram oficiais ou advogados. Em dado momento o coronel sai com cara de tristeza e diz: “padre Américo, não adianta, tudo que eu digo para livrar esse homem ele diz que é minha mentira”. Ele não quis auxílio de ninguém. Ele era realmente um homem coerente, você conheceu?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Conheci Istvan, foi casado com uma amiga minha... morreu há pouco tempo.

Ausônio Tércio de Araújo: Se havia algum herói na história, o herói era ele. Um homem inteiro. Alguma pergunta?

Almir Bueno: Monsenhor Tércio, desde que eu entrei aqui no CERES, há uns quatro anos, sempre ouço falar com muito respeito em relação ao senhor, inclusive quando a gente estava arrolando os nomes para participar desta audiência o nome do senhor foi um dos primeiros a serem mencionados e foi uma unanimidade. Eu queria que o senhor, assim na medida do possível, o senhor foi um dos que praticamente criaram o CERES ou iniciaram o curso em Caicó. Isso em 1972, né? Justamente numa época de maior endurecimento, digamos assim, do regime militar. O senhor poderia dizer alguma coisa a este respeito? Como era a relação das autoridades entre professores e alunos, enfim, a própria criação do CERES...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você me permite? A mesma coisa questionamento que eu fiz com Salomão eu queria fazer com monsenhor Tércio. Era uma cronologia. E antecipa o CERES. Pode ser assim? O senhor chegou aqui em Caicó em 1960? 1960. Foi para Roma quando?

Ausônio Tércio de Araújo: 7 anos, 1953.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: O senhor de Roma veio e assumiu aqui?

Ausônio Tércio de Araújo: Eu vim para João Pessoa, passei pouco tempo lá e vim para cá.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E ficou aqui desde então?

Ausônio Tércio de Araújo: Sim, 53 anos aqui.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Essa pergunta é da cronologia que eu quero fazer, mas tem a ver com o mesmo interesse que eu tinha sobre Salomão. De Salomão realmente eu não me recordo porque a gente já viu que ele era um bebê e eu já era um senhor médico, não me recordo dessa época. Mas eu, quando fui médico aqui, por um breve período de três anos, o senhor já era... era isso que eu queria confirmar. Nós convivemos nessa época. Depois eu vou voltar a essa vivência anterior ao CERES mas agora eu passo para o senhor a resposta.

Ausônio Tércio de Araújo: Olha, Almir, eu evitei todo tempo falar no CERES, que era NAC naquele tempo. Porque aí a gente precisaria ir longe, saindo do que a gente conversou até agora. Há uma figura aqui em Caicó chamada Dinarte Mariz. Dinarte Mariz era um homem muito inteligente, hábil, grande comerciante, político por natureza, fez coisas que algumas pessoas deploram mas fez outras coisas, tinha grandes projetos. Um projeto dele era trazer o ensino superior ao interior, o que ninguém pensava naquele momento. O ensino superior era de grandes cidades, então era no litoral. E ele queria sempre. Ele queria que as novas populações, as novas gerações, não tivessem tido as dificuldades dele. Acho que ele só tinha o grupo escolar, até a quinta série.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: O senhor me permite eu fazer um aparte, só para lembrar... ele que era um homem que se orgulhava de não ter tido uma educação formal, ele foi o fundador da Universidade do Rio Grande do Norte, estadual, que precedeu a federal. E ele lutou por essa federalização.

Ausônio Tércio de Araújo: Ele fez isso. Uma vez ele fez um discurso – aqui no instituto de educação – muito nostálgico e falava isso: “criei a universidade que criei”... Ele conseguiu – a revolução já estava arrumada – com o reitor, que os alunos chamavam “o sargentão” (Genário), a estrutura universitária, os conselhos universitários resistiram à ideia. Então eles chegaram... vamos começar pelo mínimo, uma forma de... então, criaram o tal núcleo avançado de Caicó. Então nesse núcleo é que vai surgir todo o resto. Logo nos primeiros anos se torna inviável e eles reduzem a cursos e foram... aquele Genário, “o sargentão”, de fato, mas ele era muito fiel a Dinarte, não sei porque.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu sei. É porque Dinarte era poderoso no governo federal, muito poderoso no governo federal e ele dependia de Dinarte.

Juan de Assis Almeida: Cabia a Dinarte a nomeação de todos os reitores, até Diógenes.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu tenho convicção que o NAC ou qualquer coisa que fosse aqui, ele já trouxe de Brasília pronto e o “sargentão” engoliu.

Ausônio Tércio de Araújo: Os alunos daqui, os primeiros alunos, os primeiros professores não tiveram nenhuma dificuldade, mesmo os mais esquerdistas foram aceitos porque Dinarte queria que os cursos funcionassem... Aí quem pudesse ser, agradando ou não, era professor. Então ele tinha que deixar aqui um marco. Critique-se ele ou não, ele plantou uma planta que pegou. E a gente tem que agradecer. Fez outras coisas também. Toda essa luta ambiental, dizem que ele estava doido para se ver livre das fazendas e criou o... como é que chama essas grandes extensões de terra? Preserva nossa flora e a fauna... Reserva biológica. Pode ser que ele estava atrás de vender essas terras, mas as terras eram preciosas e realmente representam a nossa terra. Nessa zona a gente encontra até os animais que desapareceram noutras. Uma vez eu li um artigo que um tal de um gavião “num sei o quê, num sei o quê” próprio do semiárido só existia ali. Porque tem uma zona de mata muito grande. [inaudível]. Respondi sua pergunta? Eu queria ver se posso contar mais alguma coisa...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Faltou uma pergunta, desculpe. A emissora foi a partir de que ano?

Ausônio Tércio de Araújo: A emissora completou o ano passado cinquenta anos. 1963...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: A data que faltava era essa. Eu lhe interrompi, né? O que o sr. ia falar?

Ausônio Tércio de Araújo: Eu me esqueci. A ação da emissora foi realmente fundamental para tirar o povo do sono, da letargia... e fazer o povo mais politizado. Não estou fazendo propaganda não, mas nós publicamos agora um livro *50 anos no ar*, que mostra tudo isso, quando havia... quando a emissora chegou, nós estávamos vendo a descaracterização... violeiros não eram mais prestigiados, festas tradicionais como o próprio São João. Havia no Nordeste, no Seridó, a chama “americanização”, por influência do algodão. Aqui, quem entrava e saía eram os grandes produtores do algodão: Canadá, Estados Unidos, Inglaterra. No caminho de Natal a gente ainda vê uma cidade

que praticamente depende delas... Tangará. E a cidade era marcada por grandes usinas e com isso veio a “americanização”, que é um fato que esses rapazes aí deviam estudar melhor, esses que estão na universidade agora. Você pega uma fotografia do tempo mais antigo, numa feira e pegue depois. Você vê que há mudança até no vestuário, o vestuário português vai desaparecendo e vai aparecendo... como nós estamos aqui... Uma sessão tão importante e nós todos de camisa. Paletó desapareceu, gravata desapareceu, chapéu desapareceu. Aqui numa feira o “caba” tinha que vir de chapéu e... hoje não sabem nem o que é um colete, veja os retratos antigos de festa, estão todos com colete e o relógio de algibeira. Pronto? Posso ir embora? Embora não, ficar aí...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu ia fazer uma pergunta... A emissora daqui teve muita influência de D. Eugênio? Estímulo para funcionar... incentivo?

Ausônio Tércio de Araújo: Sim, teve.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Foi pouco tempo depois da de Natal, né? Natal acho que foi no fim da década de 50.

Ausônio Tércio de Araújo: Naquele momento D. Eugênio tinha muita influência sobre os meios de comunicação da Igreja e começando pelo Rio Grande do Norte.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Deixe eu fazer aqui uma pergunta indiscreta. Deixe eu só terminar esta pergunta aqui. São duas perguntas: a primeira é se houve prisões no batalhão de engenharia?

Ausônio Tércio de Araújo: Olha, eu digo que houve. Agora se você pergunta “quem”, eu não sei. Eu não sei se essas pessoas iam para a prisão no batalhão de engenharia. [inaudível] Um homem sofredor aqui chamado “Bento Barbeiro”, se lembra? Bento Barbeiro era comunista de carteirinha e morreu assim. Bento Barbeiro era uma figura *sui generis*, honesto, mas era, para dizer uma palavra que ele talvez não gostasse, fanático pelo Partido Comunista. Então ele foi visto logo como uma pessoa perigosa. Ele e os amigos. Esperava-se que dele e dos amigos houvesse uma certa reação. Uma ingenuidade porque ele foi de juntar 10 ou 15 pessoas. Havia outros também. O nosso professor de, você se lembra o professor que foi preso, o professor do [colégio] Diocesano, aquele dentista? Mário. Então essas duas figuras eu me lembro muito bem. Uma quase que por veneração, que é Bento Barbeiro. Acho que ele era um homem que saiu daqui para o céu. Ele era tão bom que era ingênuo. Ele fez umas besteiras, mas era tão bom que era ingênuo e o doutor não sei... onde está

hoje? Ah, já morreu...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Mário Medeiros morreu, dentista. Tem uma rua, uma estrada que vem de Pirangi e passa por trás de Pium que tem o nome dele, Mário Medeiros.

Ausônio Tércio de Araújo: E ele era mal visto... e eu acho que era porque ele... eu não assistia às aulas dele mas talvez ele fosse muito incisivo nas críticas dele. Era uma boa pessoa.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: A segunda pergunta é a seguinte: houve a oportunidade aqui de a Igreja fazer o que fez, tanto aqui no Rio Grande do Norte como em outros estados do Brasil, o que D. Eugênio fez como cardeal no Rio de Janeiro, de proteger ou esconder ou facilitar a vida de perseguidos que estavam na iminência de serem presos? Aqui no Seridó, como eu disse, houve em todo o Brasil e em Natal um pouco também. Como a sua atuação é aqui, eu estava querendo saber aqui. Não precisa dizer nomes não, é só dizer se houve ou não.

Ausônio Tércio de Araújo: Não houve, que eu saiba, porque praticamente todas as possíveis de serem presas já estavam blindadas por trabalharem conosco. Por exemplo, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Agricultura, acho que já faleceu... Depois, essas pessoas mais visadas, os meninos da rádio não foi nenhum.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Provavelmente o Coronel deve ter dito, quando ele foi para a União Soviética: “O sr. bem que disse que aquele rapaz...”.

Ausônio Tércio de Araújo: Ele deve ter se sentido aliviado – “um a menos”.

Pessoa não identificada: Uma pergunta. Aquele movimento de alfabetização do MEB, que a emissora utilizava aquele sistema de rádio que muitas professoras leigas fosse só alfabetizar e se tornaram professoras da emissora rural. Se havia uma orientação também, no sentido político, daquelas aulas, na alfabetização ou no melhoramento do desenvolvimento das professoras?

Ausônio Tércio de Araújo: Havia. Uma coisa que vocês não podem esquecer é que aquele programa era um programa nacional, independente mas era completamente unido à Igreja... e a gente usava a chamada Doutrina Social Cristã como base do relacionamento aluno e professor, entendeu? E ele era politizante também. Boa parte dos líderes católicos veio de lá depois que o doutor, ministro da Educação na ditadura, o Coronel Jarbas Passarinho, transformou numa filosofia

mais do Estado. Aí pronto, perdeu a graça. Depois matou porque começou a minguar as verbas. O MEB não era mais o MEB. E isso fez com que ele desaparecesse, desapareceu. A diocese de Caicó não aceitou mais, algumas dioceses ainda aceitam, por aí...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Muito bem. Monsenhor, muito obrigado. Foi ótimo, excelente, tenho certeza que eu estou aqui traduzindo o sentimento de todos nós, que estávamos ansiosos para ouvir seu depoimento. E nós vamos agora para o último depoimento e gostaríamos que o senhor permanecesse aqui, se o quiser já ir embora, tudo bem, mas se o quiser ficar... eu também acho que vai... já é um membro emérito da Comissão da Verdade. Vamos dar a palavra agora ao Joseilson Ferreira de Araújo. Ele cedeu a vez dele para o monsenhor.